

Editorial

Entre Consolidações e Emergências

Navegamos por mares agitados. No momento em que fechamos esse editorial, estamos em luto e consternados pela maior chacina ocorrida em uma operação policial na história do Brasil. No dia 28 de outubro de 2025, a polícia militar do Rio de Janeiro, sob o comando do governador Cláudio Castro, matou mais de 100 pessoas nos complexos do Alemão e da Penha, gerando uma onda de violência que se espalhou por toda a cidade. Quatro policiais também foram mortos em confronto e a cidade acorda com um gosto amargo e a certeza de que a violência está banalizada e institucionalizada no cotidiano urbano. Aprender com o passado, resgatar a memória e cotejar consequências são práticas que parecem não fazer parte do repertório de ação do poder público e de parte significativa da sociedade, que segue vendo o sangue como solução e a morte como política de segurança.

Mas, apesar de ter um Estado que oferece migalhas e reafirma as diferenças coloniais, grupos subalternizados seguem remando para se esquivar da deriva e do naufrágio. Cotejando conhecimentos compartilhados e promovendo inovações cotidianas, os corpos navegam, renovando suas práticas de sobrevivência e resistindo ao extermínio e à exploração. Oferecendo um respiro à realidade urbana densa que nos cerca, a capa que reúne esses três números da E&C (53, 54 e 55) representa um pescador no seu barco controlando a direção em um mar agitado. Apesar de ser uma cena esteticamente prazerosa, com enquadramento original e interação entre diversos

tons de azul, a força das pinceladas realça o trabalho corporal do pescador, que coteja conhecimento e inovação para direcionar o barco rumo aos caminhos almejados. A pintura, feita por Virgílio Dias, pintor e artista de Pedra de Guaratiba, realça a luta dos pescadores, que sobrevivem às mudanças ambientais, sociais e políticas de um dos bairros que mais se transformaram na cidade do Rio de Janeiro nos últimos 30 anos. De paraíso idílico, o bairro passou por uma série de transformações e hoje convive com uma natureza degradada e uma sociabilidade violenta comum a muitos bairros da zona Oeste do Rio de Janeiro (Saraiva, 2023). O pescador, porém, segue navegando entre lamas e manguezais.

Inspirados pela resiliência dos movimentos sociais e pelas trajetórias de luta dos corpos subalternizados, a E&C também busca navegar em águas turbulentas, valorizando as experiências acumuladas e abrindo espaço para práticas científicas renovadas e socialmente relevantes. Nesses 30 anos de existência, a revista passou por muitas transformações, mas sempre esteve aberta a trocas interdisciplinares, metodológicas e sociais sem abrir mão de suas redes consolidadas de pesquisa e afeto. Este volume da E&C reflete justamente essa combinação entre consolidação e emergência, evidenciando trocas e redes construídas nos últimos 30 anos, bem como caminhos e direcionamentos inovadores que podem intensificar a abertura temática e a relevância social da revista. Mais do que protagonista, a E&C pode ser vista como um sintoma, uma fotografia que revela as inquietações, entusiasmos e interesses que nos impulsionam a embarcar em novas práticas de pesquisa.

Com o intuito de abrir diálogos inovadores que alimentem as metodologias de pesquisa aplicadas ao campo da geografia histórica e cultural, esse número da E&C reúne artigos coletados em três encontros acadêmicos. O volume inicia com uma série de textos apresentados no último Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura, no

qual recebemos novas e antigas parcerias, que fortalecem a consolidação da revista com suas pesquisas de alto impacto. A publicação de colegas que participaram ativamente dos simpósios virou uma marca importante da E&C, que, desde os seus primeiros números, materializou as redes de pesquisa e sociabilidade construídas por meio de encontros acadêmicos em suas páginas. Essas trocas nos dão solidez e consistência para avançar em novos territórios desafiadores e conflituosos.

Na segunda parte da publicação, nos movemos para águas mais agitadas, com artigos inovadores provenientes do grupo de trabalho do SIMPURB, intitulado Território, Conflito e Ativismos Sociais Urbanos. Esses artigos entrelaçam as dimensões culturais e políticas e apresentam diferentes metodologias de pesquisa com grupos e movimentos sociais. Por fim, apresentamos os textos reunidos por meio dos encontros do curso sobre Informalidades Urbanas, oferecido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro por três dos editores da E&C. O curso buscou refletir sobre dimensões históricas, sociais e culturais da informalidade e agregou pesquisadores de diferentes instituições do Rio de Janeiro. Os textos aqui selecionados buscam relatar dinâmicas urbanas nas quais as diferenças coloniais são marcadas no espaço, criando alteridades culturais que constroem corpos e geram práticas de resistência.

No restante dessa introdução, apresentamos brevemente os textos na nossa primeira sessão, reservando os demais artigos para serem apresentados no texto que antecede as seções sobre territórios, ativismos e informalidades. Os textos reunidos na nossa primeira seção exploram como as imagens, os arquivos, as narrativas e os compromissos éticos e metodológicos moldam as formas de produzir e comunicar conhecimento geográfico, deixando lições alertas e dicas metodológicas que alimentam as seções seguintes.

Ao abrir o número, Joan Schwartz, em “O lugar da fotografia na geografia histórica e cultural”, propõe uma reflexão instigante sobre as origens compartilhadas entre fotografia e geografia. A autora revisita o papel de Alexander von Humboldt na constituição de um olhar que articula imagem, viagem e ciência, situando a fotografia não apenas como registro técnico, mas também como prática de produção de conhecimento espacial. Ao aproximar a “escrita com luz” da “escrita sobre a Terra”, Schwartz reconecta a história da geografia à história das visualidades modernas.

Em seguida, Verónica Hollman, em “Arquivos e suas materialidades: uma aproximação a partir de um acervo visual na Argentina”, convida o leitor a um exercício de desnaturalização da ideia de “arquivo estatal”. A partir da análise de uma coleção de diapositivos de vidro da primeira escola normalista argentina, a autora discute as múltiplas materialidades e geografias que configuram os arquivos na América Latina, evidenciando seus modos de existência desiguais e suas transformações no contexto da digitalização. O artigo propõe um olhar atento às práticas arquivísticas como forma de conhecimento geográfico situado.

No artigo “Dos compromissos da pesquisa geográfica: princípios, métodos e práticas na construção do conhecimento”, Paulo Cesar da Costa Gomes reflete sobre os fundamentos éticos e epistemológicos da pesquisa em geografia. Propõe cinco compromissos — originalidade, relevância, respeito aos dados, rigor metodológico e geograficidade — como pilares para a produção científica comprometida com a complexidade e a pluralidade do real. O texto destaca o papel coletivo da pesquisa e o valor da reflexão crítica na sustentação da disciplina.

O texto de Marcos Gois, “Vidas noturnas e culturas urbanas: entre noites que nunca têm fim e toques de recolher”, desloca o foco para a cidade contemporânea e suas temporalidades sociais. Ao investigar as transformações da vida noturna nas

metrópoles e os efeitos da pandemia sobre a sociabilidade urbana, o autor propõe compreender a noite como espaço de disputa simbólica e política. A análise ressalta a centralidade das práticas noturnas para o exercício da cidadania e a reinvenção das experiências urbanas.

Em “Abordagens e pesquisas na geografia cultural: reflexões sobre a geografia literária na trajetória de pesquisa”, Adriana Carvalho oferece um texto-memória sobre sua trajetória intelectual no campo da geografia cultural. Entrelaçando lembranças pessoais e a história do Simpósio Espaço e Cultura (NEPEC-UERJ), a autora revisita debates, encontros e transformações que marcaram a consolidação da geografia cultural no Brasil. Seu relato revela a importância das redes acadêmicas e afetivas na formação de gerações de pesquisadores que expandiram o horizonte teórico e metodológico da disciplina.

Encerrando o dossiê, dois artigos exploram a relação entre religiosidade, território e práticas espaciais no Brasil. Em “Légua Tirana: uma etnogeografia do sagrado pelos sertões de Canindé”, Otávio Lemos apresenta uma investigação etnogeográfica sobre a romaria ao santuário de Canindé, compreendendo o sagrado como texto e prática socioespacial. O autor propõe uma leitura sensível das paisagens e das narrativas que emergem do caminhar dos romeiros, articulando o simbólico e o material.

Já em “Turismo no geossantuário de São José de Ribamar-MA: planejar e desejar a cidade”, José Arilson Xavier de Souza aborda o entrelaçamento entre a fé, o turismo e o planejamento urbano na cidade maranhense de São José de Ribamar. A partir da noção de “geossantuário”, o autor reflete sobre o desejo como categoria geográfica e propõe caminhos para o fortalecimento de um planejamento que reconheça o valor simbólico e coletivo dos espaços sagrados.

Em conjunto, os artigos deste número delineiam um panorama diverso e provocador sobre a geografia contemporânea, em que teoria, método e sensibilidade se entrelaçam. Seja pela reflexão sobre a imagem, a ética da pesquisa, as práticas culturais ou as espacialidades do sagrado, as contribuições aqui reunidas reafirmam a potência da geografia para compreender e reimaginar os mundos que habitamos, consolidando temas de pesquisa recorrentes na história da E&C.

Com exceção do primeiro artigo de Joan Schwartz, professora canadense especializada na história das relações entre fotografia e geografia que veio ao Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura pela primeira vez em 2023, todos os outros autores e autoras listados nessa primeira seção são frequentadores de simpósios anteriores. O professor Paulo Cesar da Costa Gomes contribui para o evento desde o seu início e tem publicado diferentes textos decorrentes de suas participações, sempre criativas e metodologicamente instigantes. A professora Verónica Hollman também participou como palestrante em diversos eventos anteriores, oferecendo diversas contribuições à revista. Marcos Gois e Adriana Carvalho são também frequentadores antigos e colaboradores importantes na realização dos simpósios, oferecendo contribuições que ampliam os leques de debates na geografia cultural. Por fim, os autores que fecham a revista, Otávio Lemos e José Arilson, apresentam trajetórias de pesquisa entrelaçadas com o Simpósio e a produção da E&C, pois, além de frequentadores, estudaram na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e realizaram pós-graduações vinculadas ao Núcleo de Estudos sobre Espaço e Cultura.

Todas essas parcerias do passado, celebradas no último simpósio realizado em 2023, são pilares de intercâmbio que possibilitam novas trajetórias, como evidenciado na organização do simpósio de 2025. A contribuição de professores engajados em questões urbanas, movimentos sociais e estudo de grupos subalternos trouxe um novo

direcionamento para o simpósio, tendo seus temas clássicos atravessados por questões de classe, gênero e diferença colonial. Esse é certamente um processo que já estava em curso, mas que ganha mais visibilidade e consistência no presente, abrindo o Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura e a E&C cada vez mais para temáticas que aproximem a geografia histórica e cultural de questões de poder, diferença e desigualdade. Neste sentido, junto com a dor profunda que sentimos agora em solidariedade as famílias vítimas da maior chacina ocorrida na história do Rio de Janeiro em outubro de 2025, também nos sentimos mais preparados e preparadas do que nunca para intensificar os Simpósios Internacionais sobre Espaço e Cultura e as páginas da E&C como lugares de produção e circulação de um conhecimento engajado e socialmente relevante. Esperamos que nossas novas remadas fiquem marcadas nas páginas das próximas edições, para as quais devem fluir textos e debates promovidos no nosso encontro. Seguimos remando coletivamente!

André Reyes Novaes
Mariana Lamego
Marianna Fernandes Moreira
Matheus de Oliveira Grandi
Rafael da Costa Gonçalves de Almeida

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SARAIVA, Bruno Vieira da Silva. A Pintura Em Tela Na Representação De Pedra De Guaratiba: Análise Das Telas a Partir Das Metodologias Das Artes Visuais. Boletim Alfenense de Geografia, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 1–15, 2024. DOI: 10.29327/243949.4.8-1. Disponível em: <https://publicacoes.unifalmg.edu.br/revistas/index.php/boletimalfenensedegeogr>